**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: REFLETINDO A PRÁTICA DOS PROFESSORES**

Agnelia Braz Rolim

Aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia - ISEC.

[agneliabraz@hotmail.com](mailto:agneliabraz@hotmail.com)

Sara Vitoriano de Sousa Roberto

Professora da Educação Básica do Município de Santa Helena – PB. [saravitoriano@hotmail.com](mailto:saravitoriano@hotmail.com)

Michele da Silva Gomes

Aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia - ISEC.

[Misilvagomes.2013@gamail.com](mailto:Misilvagomes.2013@gamail.com)

Laerte Lacerda Leite

Graduado em Marketing, FAFIC.

[laerte.lacerda@gmail.com](mailto:abraaovitoriano@hotmail.com)

**Resumo**

A presente pesquisa trata da avaliação enquanto ferramenta de aprendizagem no processo de ensino, a qual merece um espaço consistente de apreciações e busca por melhores estratégias. É notável que nos últimos anos, a avaliação da aprendizagem escolar tem ganhado um lugar de destaque nas discussões de especialistas em educação, assim como, entre professores e comunidade escolar. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho constituiu de uma pesquisa bibliográfica, a partir da leitura e fichamento de textos em livros, revistas, artigos, periódicos e meios eletrônicos. Os resultados apontaram a identificação dos fatores que interferem nesse processo, caracterizando as práticas avaliativas docentes da escola visando à melhoria do processo ensino aprendizagem. As discussões em tomo da avaliação levaram a uma reflexão crítica da sua função e importância no processo ensino/aprendizagem. O processo avaliativo não pode ser analisado de forma isolado, é fundamental observar o contexto social da escola, do aluno e da sociedade. Portanto, surge no cotidiano da sala de aula a necessidade de o educador repensar suas práticas avaliativas. Assim sendo, acentua-se a importância da formação de qualidade na escola, no sentido de formar cidadãos críticos e conscientes. Evidencia-se, pois, a avaliação da aprendizagem escolar como elemento desencadeador para a concretização desse propósito. A avaliação não pode ser um instrumento de exclusão, precisa ser democrática, favorecendo a capacidade de cada aluno.

**Palavras-chaves**: Ensino. Aprendizagem. Práticas educativas. Avaliação.

**1 INTRODUÇÃO**

A avaliação envolve uma enorme complexidade, uma vez que tem como pano de fundo as concepções que os professores têm, não só do ato de avaliar, mas de toda a ação pedagógica que permeia o cotidiano escolar.

Como ação paralela, vê-se a funcionalidade do planejamento escolar, nas suas diversas instâncias. De que forma ele deve ser feito no intuito de responder às exigências, tanto do sistema, quanto dos alunos? O planejamento está a serviço de quem? Qual o papel assumido pela avaliação no contexto escolar? A avaliação está a serviço da reprovação do aluno? São estas questões que têm causado alguns “nós” ou entraves no fazer pedagógico.

Os professores, na maioria das vezes, não sabem como desmistificar o grande enigma do planejamento para uma boa avaliação; por conta disso, adotam métodos um tanto ineficientes ou inadequados. Frequentemente, escutam-se relatos de alunos afirmando que os professores usam estratégias inadequadas, não sabem explicar bem o conteúdo e, como resultado, cobram esses conteúdos através de provas (exames) que, em sua maioria, atesta a incapacidade, não só dos alunos, mas do próprio professor.

A prática de avaliar transporta consigo uma série de questões referentes ao processo de ensino e aprendizagem. Nos dias atuais, refletir o processo de avaliação consiste numa necessidade indispensável ao processo educativo. É possível observar essa temática sendo discutida em vários estudos pelos teóricos: Luckesi (2012), Hoffmann (2013), Perrenoud (2000), Esteban (2013), Libaneo (2006), entre outros; contudo, ainda é uma discussão que gera polêmica entre professores, alunos e equipe pedagógica em geral. Assim, faz-se necessário rever as formas avaliativas e redefini-las de modo significativo para os alunos, conhecendo suas capacidades e propiciando um ambiente pedagógico oportuno para enfim, realizar as práticas de avaliação na escolarização dos alunos e, principalmente, na perspectiva de educação que propicie a inclusão de novas aprendizagens. Na esfera escolar, a ordem estrutural, pedagógica e administrativa, requer implicações recorrentes à aprendizagem, pois ainda necessitam de um olhar mais apurado e construtivo.

Há mais de meio século, teóricos da educação vêm realizando pesquisas na área da avaliação da aprendizagem, deixando claro que a função da avaliação não é excluir o aluno do processo de ensino e aprendizagem e, sim, ofertar um norte para os professores, bem como todos que fazem parte do processo educacional direta e indiretamente. Entretanto, sabemos que quando a avaliação se faz presente na escola, mais precisamente na sala de aula, essa aparece com um viés de seleção, classificação e exclusão do educando do processo de ensino e aprendizagem, assim, nos interessa estudar qual a visão dos professores quanto a avalição da aprendizagem escolar?

Nesse contexto, conforme Gil (2012), descrever significa identificar, relatar, comparar, entre outros aspectos, o que vai ao encontro dos objetivos da nossa pesquisa que tem como foco Discutir a avaliação da aprendizagem na ótica da prática docente.

O presente trabalho consiste na utilização de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, que segundo Chizzotti (2001), diz respeito a um método fundamentado em dados compostos pelas interações interpessoais, na participação das situações dos informantes, analisados através da significação obtida pelos a partir de suas ações.

Para a coleta de dados foi utilizado como instrumento um levantamento bibliográfico através da leitura e fichamento de textos em livros, revistas, artigos, periódicos, sites eletrônicos, dentre outros, os quais fomentam bases para o enriquecimento desta investigação. Esta pesquisa foi realizada no ano de 2016 como base para a construção de um artigo como requisito obrigatório do Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional pela FASP. Utilizamos como critérios para a seleção das fontes os autores mais citados nas monografias. E como descritores as seguintes palavras-chaves: Ensino. Aprendizagem. Práticas educativas. Avaliação.

**2 AVALIAÇÕES DA APRENDIZAGEM NA PRÁTICA DOCENTE**

Ao tratar sobre o tema avaliação, é importante tomar como base algumas ideias, que embora já conhecidas, têm-se mostrado valiosas para o êxito do processo de ensino e aprendizagem.

Vários autores tem um conceito diferente sobre a palavra avaliação. Devido a esse grande número de conceitos, fica bastante complicado encontrar uma definição exata. Libâneo (2006, p. 199), argumenta que: “O entendimento correto da avaliação consiste em considerar a relação mutua entre os aspectos quantitativos e qualitativos”.

Na visão de Líbâneo (2006), os professores necessitam refletir sobre suas práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula, para poder desta forma melhorar e refletir acerca dos resultados encontrados. A avaliação precisa ser considerada um processo amplo, passando de modo a investigar a aprendizagem contínua e permanente, tanto das ações dos professores, como dos caminhos percorridos pelas crianças, a construção do seu próprio conhecimento.

Compreende-se que não é fácil a tarefa de educar, o professor tem que se preocupar com os conteúdos, em uma nova metodologia, estar sempre se especializando e revendo sua prática em sala, e usar uma diversidade de instrumentos avaliativos, que sempre busque o melhor para seus alunos. Deve-se priorizar a avaliação contínua, diagnóstica e sistemática, com a variedade de instrumentos avaliativos.

O termo “avaliar” quer dizer dar valor a alguma coisa, conforme assinala Luckesi (2012, p. 76), “[...] o conceito ‘avaliação’ é formulado a partir das determinações da conduta de ‘atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato, ou curso de ação que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo [...]”.

Esse autor, ainda comenta que: “entendemos avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes tendo em vista uma tomada de decisões” (LUCKESI, 2012, p. 69). Com base nessa afirmação, compreende-se que o aluno, após obter resultados da aprendizagem dos alunos, faz uma comparação de seu objetivo com a satisfação ou insatisfação dos alunos, assim, tendo a chance de tomar uma nova posição a respeito do processo de ensino e aprendizagem.

O principal sujeito do processo de aprendizagem é o aluno, pois ele contribui com suas experiências, seus conhecimentos, valores e crenças, o que dá sentido real na avaliação escolar dos educandos. O professor exerce um papel fundamental, estando na linha de frente do processo de ensino e aprendizagem.

Segundo expõe Luckesi (2011, p. 69): “[...] entendemos avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes tendo em vista uma tomada de decisões”. A partir dessa afirmação, é possível compreender que o educando, após atingir os resultados da aprendizagem, faz uma comparação entre seu objetivo e o que foi alcançado, medindo a satisfação ou insatisfação de cada aluno, assim, podendo tomar uma nova posição a respeito do processo de ensino e aprendizagem.

A concepção de avaliação que marca a trajetória de alunos e educadores, até então, é a que define essa ação como julgamento de valor dos resultados alcançados. Daí a presença significativa dos elementos como prova, notas, conceitos, reprovação e registro. De acordo com Sousa e Alves (2007, p. 107):

[...] A avaliação é um meio para alcançar fins e ao um fim em si mesmo. O uso da avaliação implica proposito útil e significativo. É necessário que a escola, os professores e os alunos retomem com mais clareza e atenção esse princípio.

Essa premissa implica atribuir à avaliação o seu verdadeiro papel, é fundamental que esse processo possa buscar melhorar as medidas de natureza educacional, avançando o ensino e a aprendizagem, bem como o planejamento e o progresso curricular das escolas, pois o entendimento errôneo e a desobediência a esse princípio tem sido em grande parte a causa da frustação de alunos e professores, da insuficiência da aprendizagem escolar e, sobretudo, da falta de motivação para aprender por parte dos alunos. Tal entendimento, tem ocasionado a perda do verdadeiro significado do próprio ensino e aprendizagem, como facilmente é constatado.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s descrevem uma orientação para “avaliação nas séries iniciais, que ultrapassa a visão da avaliação a ser entendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional” (BRASIL, 2006, p. 55).

Consoante a este documento, o educador deve interpretar qualitativamente os conhecimentos adquiridos pelos alunos, realizando uma avaliação contínua e sistemática. A avaliação, nesse contexto, auxilia tanto o professor quanto os alunos e a escola. Como apresenta a redação dos PCN’s (BRASIL, 2006, p. 55), a avaliação subsidia o professor numa “reflexão contínua sobre a sua prática, sobre criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo”. (BRASIL, 2006, p. 55).

Os PCN’s mostram a importância de se fazer uma avaliação investigativa inicial, e outra ao acabar a unidade de ensino. É uma prática fundamental para que o professor da série seguinte possa dar continuidade ao processo de aprendizagem.

“Esta avaliação, que intenciona averiguar a relação entre a construção do conhecimento por parte dos alunos e os objetivos que o professor se propôs, é indispensável para saber se todos os alunos estão aprendendo [...]”. (BRASIL, 2006, p. 56). É explicito, neste documento, que a avaliação investigativa pode ocorrer também durante todo o processo de ensino e aprendizagem.

A leitura da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96), traz claramente que a avaliação é um recurso para dar suporte ao professor, para que ele possa avaliar sua prática educativa, mostrando sempre a importância da qualidade e não da quantidade. A concepção de avaliação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2006) diz que:

A avaliação vai além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno, através de notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional. A avaliação ao não se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem função de alimentar, sustentar e orientar a orientação pedagógica (BRASIL, 2006, p. 55).

Deve-se usar a avaliação nas séries iniciais como uma maneira de repensar sua prática, e não como um ato de fazer medo ou de punição.

A autora Haydt (2000, p. 56) enfatiza que:

O termo avaliar tem sido constantemente associado a expressões como fazer provas, fazer exames, atribuir nota, repetir ou passar de ano. Essa associação tão frequente em nossas escolas é resultado de uma concepção pedagógica arcaica, mas tradicionalmente predominante.

Algumas instituições programam seus alunos para tirar nota máxima na prova, apenas visando uma aprovação no vestibular, assim ensinando o aluno a ser competitivo, fazendo seus alunos decorarem o conteúdo que lhe é passado na educação básica, e ter que procurar um cursinho pré-vestibular para relembrar os conteúdos que antes lhes foram repassados.

Sabe-se que a realidade em sala de aula é bem difícil para os professores, portanto, foram criadas várias estratégias pedagógicas, mas quando parte para o lado de avaliar o aluno, persiste o mesmo pensamento antigo.

A escola tem tratado a avaliação como um bicho de sete cabeças, sendo usada apenas para aprovar ou reprovar. E muitas vezes, o sistema de ensino acaba ficando descomprometido com o desenvolvimento do aluno, passando uma imagem negativa, deixando-o desmotivado e contribuindo para o fracasso escolar, sendo cada vez mais comum, encontrar no âmbito escolar, uma avaliação que impulsiona medo no educando. Ou seja, é necessário que o professor saiba avaliar o nível de aprendizagem do aluno sem desmerecê-lo, em outras partes.

Existem muitos professores que ligam a avaliação a algo ruim, com o intuito de amedrontar os alunos com frases de efeito desmotivador, como: preste atenção ou esse assunto vai cair na prova, como se tudo que eles aprenderam só será usado naquele determinado dia de avaliação. Feita essa avaliação, o professor vai rotular seus alunos, em aqueles que sabem e aqueles que não sabem de nada. Subindo a reputação do professor com o êxito daqueles alunos que conseguiram passar na prova e, excluindo aqueles que não conseguiram atingir o objetivo da escola, sem ao menos se importar de procurar saber o porquê deles não terem conseguido. Dando destaque apenas aos que tiraram boas notas.

“Ao avaliar, efetiva-se um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem sempre por um longo tempo e se dão em vários espaços escolares, procedimentos de caráter múltiplo e complexo tal como se delineia um processo” (HOFFMANN, 2013, p. 13). Completando seu raciocínio, a autora acentua que:

[...] não se deve denominar por avaliação testes, provas ou exercícios (instrumentos de avaliação). Muito menos se deve nomear por avaliação boletins, fichas, relatórios, dossiês dos alunos (registros de avaliação). Métodos e instrumentos de avaliação estão fundamentados em valores morais, concepções de educação, de sociedade e de sujeito. São essas as concepções que regem o fazer avaliativo e que lhe dão sentido. [...] A avaliação da aprendizagem, mais especificamente, envolve e diz respeito diretamente a dois elementos do processo: educador/avaliador e educando/avaliando (HOFFMANN, 2013, p. 13).

É comum encontrar professores preocupados por terem que colocar uma nota pelo desempenho de seu aluno, como se o aspecto mais importante da avaliação fosse à expressão dos resultados, e não seu significado e sua função. Libâneo (2006, p. 201), assinala que um “aspecto particularmente relevante é a clareza dos objetivos, pois os alunos precisam saber para que estão trabalhando e no que estão sendo avaliados”.

O despreparo dos professores em relação à avaliação é notório quando se discute o tema, pois, apesar de se dar ênfase a avaliação qualitativa, do ensino e da aprendizagem, que valorize o aluno, sempre voltamos os debates para os instrumentos avaliativos e não ao ato de avaliar. Cada professor tem seu jeito de pensar a avaliação, por isso tantas definições para o mesmo assunto (HOFFMAN, 2013, p. 67).

Nos dias de hoje, depois de todo esse estudo e esclarecimento, com pensamentos de vários autores, salienta-se que ainda existem muitos professores e escolas que não qualificam a aprendizagem do aluno, e sim, os examinam, isto é, denominam práticas de avaliação, que de fato, são exames que classificam o seu desenvolvimento, fazendo da avaliação uma lógica do trabalho, passando a integrar a relação professor com aluno, predominando a atribuição de notas que permeiam como forma de classificação.

Segundo Hoffmann (2013, p. 87), a avaliação: “[...] tem se caracterizado como disciplinadora, punitiva e discriminatória, como decorrência, essencialmente, da ação corretiva do professor e dos enunciados que emite a partir dessa correção”. Então, mesmo o professor não se dando conta que, ao praticar algumas atitudes em sala de aula, vai estar discriminando o trabalho de uma parte da turma, ao utilizar notas, conceitos, corimbos, estrelinhas e etc. ele estará expondo uma parte da turma que não conseguiu atingir essa *premiação*, visto que a escola tem usado a avaliação como um instrumento para medir a capacidade que os alunos detêm, por meio da nota e diversos outros instrumentos.

Nessa direção, a avaliação estabelece o seu sentido no fazer pedagógico, quando se encontra de maneira processual, inclusiva e mediadora, sendo assim, a favor do estudante, ou seja, fazendo uso do seu recurso metodológico para a reorientação do processo de ensino e de aprendizagem, buscando atingir seus objetivos planejados ao longo do ano letivo por você professor, bem como pela escola.

Portanto, a avaliação é um processo que deve ser incorporado à prática do professor, sendo um processo contínuo, em que os critérios qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos, e sobre todas as experiências, manifestações, vivências, descobertas e conquistas das crianças devem ser valorizadas. A atribuição de notas deve ser apenas uma parte do processo avaliativo e não a mais importante.

No entanto, o que hoje é proposto pela LDB (1996), não vem sendo feita na prática pedagógica do professor, que utiliza a avaliação como instrumento de forma quantitativa. A prática da avaliação escolar, ao invés de servir como meio de perceber como os alunos se desenvolveram na construção de seus conhecimentos, atua como um fim de um processo classificatório.

Para Luckesi (2011), a maior parte das instituições que ofertam o ensino regular, usam a avaliação como instrumento classificatório, como se fosse um produto acabado, e não como um processo de aprendizagem contínua, medindo a capacidade e mostrando se o aluno realmente aprendeu ou não o conteúdo proposto pelo professor, por meio de uma nota, de qualquer forma, impossibilita o aluno de progredir ou desenvolver-se.

Esse tipo de avaliação é feito apenas para classificar ou rotular os alunos em: forte e fraco. É uma postura de avaliação puramente tradicional, uma vez que classifica o aluno ao final de um período em reprovado ou aprovado, o oposto a um significado de comprometimento do aluno com o crescimento do seu aprendizado.

Sobre isso, Esteban (2001, p. 15), coloca que:

[...] A avaliação escolar, nessa perspectiva excludente, seleciona as pessoas, suas culturas e seus processos de conhecimento, desvalorizando saberes; fortalece a hierarquia que está posta contribuindo para que diversos saberes sejam apagados, percam sua existência e se confirmem com ausência de conhecimento.

A importância da avaliação no processo de ensino e aprendizagem é indiscutível, pois, classificando os alunos, tirando deles a espontaneidade de expor os seus saberes, aplicando provas e exames como ameaça que os pune, condicionando-os a estudarem por medo, atesta que, se contribui para um forte índice de evasão escolar, bem como, apagando os conhecimentos e a criatividade do pensar das crianças. Portanto, necessita-se fazer uso dos procedimentos avaliativos como fator de motivação e, não o contrário.

**3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na contemporaneidade, a temática avaliação da aprendizagem vem sendo motivo de estudos, debates e reflexões, por parte de especialistas em educação e professores. O tema avaliação está constantemente presente em nosso dia a dia, na prática escolar, na interação cotidiana, no campo profissional, na educação, no lazer, pois ela inclui um julgamento de valor sobre nós mesmos e sobre o resultado das nossas ações.

A avaliação não pode ter como função apenas o ato de aprovar ou reprovar o aluno, mas sim, criar condições que ajudem identificar e minimizar as dificuldades de aprendizagens vivenciadas no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a avaliação precisa ser compreendida como um processo contínuo de mediação e formação do indivíduo, respeitando suas diferenças e individualidades, tornando-o capaz de resolver conflitos do seu cotidiano, exercendo assim, sua cidadania.

Em decorrência das diversas práticas avaliativas e das transformações na sociedade, a cada dia, o volume de informações e conhecimentos que estão sendo veiculados por diversos meios, está gerando uma insegurança e inquietação nos educadores. Hoje, ensinar não está sendo uma tarefa tão simples, diante das profundas transformações que estão ocorrendo, mudanças políticas, sociais, econômicas, culturais e a necessidade de uma formação ética e humana, exige um novo perfil de professor.

Vale destacar que a avaliação também passa por diversas alterações em suas concepções, funções e características, contudo percebemos a dificuldade dos professores, que mesmo tentando ter concepções modernas acerca da avaliação, sentem dificuldade de colocar em prática estes modelos inovadores e acabam ainda usando métodos que apenas classificam e rotulam seus alunos. Nesse sentido, podemos perceber que para alguns alunos, o ato de avaliar compreende simplesmente “fazer provas”, “tirar notas” e “passar de ano”, quando na verdade deveria ocorrer um processo continuo no ensino e aprendizagem desses alunos.

Partindo deste pressuposto, é possível indagar se de fato as formas tradicionais e classificatórias de avaliação são eficientes ou é necessário mudar esta prática para que realmente seja possível uma aprendizagem significativa, e não apenas estudar para tirar boas notas. Frequentemente, verificamos o termo avaliação associado a outros, como nota, exame, promoção e repetência, sucesso e fracasso e, a avaliação sendo vista como um processo que determina o grau de aprendizagem dos alunos, esquecendo-se que a avaliação deve ser utilizada como um recurso de motivação que causa efeitos positivos evitando as tensões que a avaliação tradicional causa. Portanto, o ato de avaliar associa-se ao de ensinar, de formar, num processo de interação contínua.

Atualmente, é possível perceber que nas escolas, as avaliações são feitas de modo a “descobrir” se o aluno chegou ou não à verdade. A ênfase em fazer o aluno “decorar” para realizar as provas e os testes, em vez de “refletir”, e de “copiar” em vez de “criar”. Pequenas ações podem iniciar mudanças significativas, especialmente, se tivermos o propósito de ver a realidade, questioná-la e sugerir com novas ações e reconstruções.

Durante muito tempo, o termo avaliar foi usado como sinônimo de medida. O grande problema da avaliação é a sua vinculação a uma lógica social de exclusão, através dos mecanismos de classificação a que está submetida. O problema não é aprovar ou reprovar, mas favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento humano de todos. O que tem que mudar é a forma como avaliamos nossos alunos. A avaliação é uma atividade de acompanhamento e transformação do processo de ensino-aprendizagem, através da observação, análise, registro, reflexão sobre o que foi observado e registrado, comunicação dos resultados e tomada de decisão para atingir os objetivos que ainda não foram alcançados, e não uma atividade de classificação dos alunos entre bons e ruins.

Vivencia-se um período da história da educação extremamente turbulento, uma época em que há violentos processos de mudanças que nos desafiam em todos os planos imagináveis. Nossa incumbência é a de estarmos totalmente envolvidos por esta transformação e termos influência na direção que ela vai tomar. Temos a enorme responsabilidade de tentar transformar a educação e lembrar que todos os empreendimentos educacionais devem ser julgados de acordo com a magnitude desta tarefa. Trata-se de um desafio para todas as áreas da educação.

**REFERÊNCIAS**

ARANHA, Mara Lucia. **Filosofando: Introdução a Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2006.

BARRIGA, Angel Bráz.  **Uma polêmica em relação ao exame**.In: ESTEBAN, Maria Tereza (org) **Avaliação**: Uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BOTH, Ivo José. **Avaliação planejada, aprendizagem consentida:** a fisiologia do conhecimento – 20. ed – Curitiba: Ibpex, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Brasil: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em: 25 de out 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001, 164p. (Biblioteca de Educação. Série 1 – Escola - v.16).

ESTEBAN, Maria Tereza (org). **Avaliação:** uma prática em busca de novos sentidos 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos Jesuítas**. O “Ratio Studiorum”. Rio de Janeiro, AGIR, 1952.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa – 48ª. Ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GARCIA, Regina Leite. **Avaliação e suas implicações no fracasso/sucesso**.In Esteban, Maria Tereza (org) **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São. Paulo, Atlas, 2012.

HAYDT, Regina Cazaux. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. São Paulo: Ática, 2000.

HOFFMANN, J Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mito e Desafio:** Uma perspectiva construtivista – 3. Ed – Porto Alegre, RS: Mediação, 2013.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **O jogo do contrário em avaliação** – 5ª ed – Porto Alegre: Mediação, 2009.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2000.

LA TAILLE, Ives, Dantas, H. e Oliveira, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon**. **Teorias Genéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LIBÂNEO, José C. **Didática.** 34. ed. São Paulo: Cortez, 2012. v. 1. 262p.

LIBÂNEO, José Carlos – **Democratização da escola pública** – a pedagogia crítico-social dos conteúdos, 2006, 21º edição.

LIMA, Adriana de Oliveira**. Avaliação Escolar**: Julgamento ou construção?. . ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998 167 p.

LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar**: julgamento ou construção? . 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 167 p.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar** – 17. Ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem na escola**. In: José Carlos Libâneo; Nilda Alves. (Org.). Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo. 1aed.São Paulo: Cortez Editora, 2012, v., p. 433-451.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem**. Direcional Educador, São Paulo, SP, p. 6 - 8, 01 nov. 2011.

LUCKESI, Cipriano C. **Disfunções emocionais e prática educativa**: corporeidade e neurociências. In: Gilberto Aparecido Damiano; Lúcia Helena Pena Pereira, Wanderley C. Oliveira. (Org.). Corporeidade e educação: tecendo sentidos.... 1aed.São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010, v. p. 131-138.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez 2008.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova um momento privilegiado de estudos e não um acerto de contas.** DP&A Editora, RJ, 2005.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 9. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

OLIVEIRA, A de Almeida. **O Ensino público**. São Luís: [s.n],1874.

OLIVEIRA, K. L. (2003). C**ompreensão de leitura, desempenho acadêmico e avaliação da aprendizagem**. Dissertação de Mestrado Não-Publicada. Programa de Pós-Graduação Strictu-sensu em Psicologia, Universidade São Francisco. Itatiba.